



Por Um Caminho Estreito: A Cobertura da Mídia nas Ocupações da Usina Hidrelétrica do Maranhão¹

Thamires Moraes Brito SILVA²

Elicléia Clarícia DALLO³

Larissa Pereira SANTOS⁴

Nayane Cristina Rodrigues de BRITO⁵

Thays Silva ASSUNÇÃO⁶

Ed Wilson Ferreira ARAUJO⁷

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cobertura da mídia sobre a Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE), com ênfase nas ocupações do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Comissão da Pastoral da Terra (CPT) e indígenas de várias etnias (em abril/2007 e março/2008) contra a construção da UHE. Esta, desde o início, tem provocado grandes repercussões na cidade de Estreito - MA e em territórios vizinhos no que diz respeito aos benefícios e malefícios da barragem. O trabalho apresenta também o posicionamento dos manifestantes e do Consórcio Estreito de Energia (Ceste). O nosso objeto detém-se principalmente em analisar como a mídia está desempenhando seu papel de informar em meio a essa conjuntura, com destaque no conceito de *Agenda Setting* e na forma de abordagem do tema.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; Hidrelétrica Estreito; movimentos sociais.

INTRODUÇÃO

Tivemos a oportunidade de analisar que no século XIX houve mudanças fundamentais na história do Jornalismo, entre elas o surgimento de novas concepções teóricas que colocam o Jornalismo na perspectiva de uma modalidade de conhecimento da realidade, desempenhando as funções de agendar temas, construir cenários e influenciar a formação da opinião pública que ganha cada vez mais força na sociedade contemporânea.

Diante disso, vimos a necessidade de analisar como a cobertura jornalística atua frente aos grandes projetos de impacto na região tocantina e sul do Maranhão, com um recorte especial sobre a implantação da Hidrelétrica de Estreito.

Cabe lembrar que após a implantação do Projeto Carajás, na década de 1980, a Amazônia Oriental e o sul do Maranhão vêm sendo objetos de outros projetos de “desenvolvimento”, tão

1. Trabalho apresentado no GT – Audiovisual, do Iniciacom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

2. Estudante de Graduação 3º período do Curso de Jornalismo da UFMA, email: th-amy-ress@hotmail.com.

3. Estudante de Graduação 3º período do Curso de Jornalismo da UFMA, email: li.claricia@yahoo.com.br.

4. Estudante de Graduação 3º período do Curso de Jornalismo da UFMA, email: lari.jornalista@hotmail.com.

5. Estudante de Graduação 3º período do Curso de Jornalismo da UFMA, email: brito.n.c.r@hotmail.com.

6. Estudante de Graduação 3º período do Curso de Jornalismo da UFMA, email: thays_itz@hotmail.com.

7. Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFMA, email: edwilson_araujo@yahoo.com.br



impactantes quanto o primeiro. Esse processo tem afetado fortemente as populações tradicionais do cerrado, extrativistas, ribeirinhos e povos indígenas.

A UHE Estreito está localizada no rio Tocantins, à margem direita do município de Estreito (MA) e à margem esquerda dos municípios de Aguiarnópolis (TO) e Palmeiras do Tocantins (TO).

A obra é financiada pelas multinacionais - Tractebel, Vale do Rio Doce, Camargo Corrêa Energia S.A e Alcoa Alumínio S.A - componentes do Consórcio Estreito Energia (Ceste). Em 2000 teve início o processo de licenciamento ambiental com o intuito de construir a UHE Estreito.

Considerado o maior projeto gerador de energia em curso no Brasil, a usina está planejada para uma potência total de 1.087 MW, com um reservatório de 555 km² de superfície, sendo 400 km² de terras inundadas. Os investimentos previstos para a implantação da UHE Estreito são de aproximadamente três bilhões de reais⁸, resultando um custo de geração de aproximadamente 1.704,02/kW, o que equivale a energia necessária para abastecer quatro cidades como São Luís.

A represa atingirá os municípios de Estreito e Carolina (MA), e Aguiarnópolis, Babaçulândia, Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Goiatins, Itapiratins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins e Tupiratins (TO).

O projeto é contestado por entidades da sociedade civil, que consideram negativos os impactos do empreendimento.

Os manifestantes exigem a parada das obras para um novo levantamento de impacto ambiental, pois o já feito só considera que a barragem atingirá apenas 2 mil pessoas, mas segundo o Movimento dos Atingidos por Barragem na verdade cerca de 21 mil pessoas serão atingidas pela barragem, entre elas comunidades quilombolas do Bico do Papagaio que não entraram no primeiro levantamento.”⁹

De acordo com alguns moradores de Estreito e diversas fontes consultadas no trabalho de campo durante a ocupação de março de 2008, dentre os impactos assinalados está o aumento vertiginoso da população de Estreito, fruto da migração de trabalhadores em busca de emprego. Este aumento populacional causou uma série de implicações na vida dos antigos moradores da cidade e daqueles que vieram em busca de trabalho, mas não conseguiram.

Alguns ribeirinhos, pescadores, camponeses, barqueiros e barraqueiros das áreas atingidas pela barragem resolveram unir forças aos militantes do MAB, MST e CPT para lutarem por

8. Página eletrônica do Ceste: <http://www.uhe-estreito.com.br/perguntas.php>. Acesso em 28 d abr. de 2008

9. O PROGRESSO. Manifestantes bloqueiam entrada do canteiro de obras da UHE Estreito. Imperatriz, mar., 2007. p.07.



seus direitos. Esta aliança iniciou-se na primeira ocupação da UHE Estreito, em abril de 2007, sob a liderança indígena.

Em março de 2008 o movimento ressurgiu, mas com nova liderança: o MAB. “Águas para vida e não para a morte!”, eram algumas das palavras de ordem pronunciadas durante a ocupação.

E a cobertura jornalística, como está tratando essa realidade?

Em busca de respostas à atuação dos meios de comunicação, diante dos conflitos e contradições gerados com a implantação da hidrelétrica, procuramos analisar como os jornais, emissoras de rádio e de televisão vêm pautando o tema.

O jornalismo na cobertura da ocupação da hidrelétrica está a serviço de quem? Do Ceste, dos movimentos de ocupação ou do público? “É um espaço fechado de reprodução ideológica do sistema dominante, ou é um espaço aberto a todos os agentes sociais na luta política e social?” (TRAQUINA, 2004, p.25).

São essas perguntas que nortearam nosso trabalho, cujo objetivo principal é analisar o papel da mídia na forma como as pessoas apreendem (e aprendem) as informações e formam seu conhecimento a respeito da barragem de Estreito. (PENA, 2005, p.144).

UHE Estreito no *Agenda Setting*

“Mais do que o que pensar, os meios nos dizem sobre o que pensar” (apud FILHO, 1995, p.169).

De acordo com Felipe Pena, as pessoas têm suas agendas para escrever o que terão de fazer no decorrer do dia, a mídia também fixa sua lista de acontecimentos, ou seja, diz o que é importante e o que não é para ser veiculado ao público. Essa é a teoria do *agenda setting* “surgida no começo da década de 1970 como uma reação a uma outra teoria: a dos efeitos limitados, que teve seu auge entre os anos 40 e 60”.(PENA, 2005, p.142)

Na rotina das redações de todo mundo chegam ao conhecimento dos jornalistas um grande número de fatos. Mas apenas uma minoria é veiculada, ou seja, vira “notícia”. E são essas “notícias” que as pessoas comentam no seu dia-a-dia. .

A teoria do agendamento trata exatamente dessa tendência das pessoas considerarem mais importantes os assuntos veiculados pela mídia.

Baseado nessa teoria, porque as ocupações na Usina Hidrelétrica de Estreito foram agendadas pela mídia?



De acordo com os valores-notícia, a barragem de Estreito desperta o interesse da mídia local devido à notabilidade, conflito ou controvérsia, escândalo e infração. (TRAQUINA, 2004, p.77-86)

Notabilidade – por gerar um grande impacto ambiental, social e econômico, as usinas hidrelétricas despertam movimentos como o MAB e MST que causam grande interesse da mídia local e nacional devido às ocupações.

Conflito ou controvérsia – por haver dois lados discordantes: Ceste e MAB/MST, cada um tem sua opinião sobre a construção da UHE Estreito. E a mídia tem o dever de mostrá-los.

Escândalo – o tiro disparado pelo funcionário do Ceste contra um jovem militante do MST que estava acampado, causou mais revolta na população contra o Ceste.

Infração – por necessitar de laudos e licenças de órgãos ambientais e possivelmente não cumprir os critérios técnicos, o empreendimento é passível de infração, pois gera impactos sociais, econômicos e ambientais.

Desde o anúncio da construção da barragem de Estreito, todos os direitos e reivindicações dos movimentos sociais eram desconhecidos pela maioria da sociedade brasileira. Os próprios manifestantes, ao ocuparem a entrada do canteiro de obras da UHE Estreito, entraram para a agenda midiática, e por sua vez também entraram para a agenda do público.

A mídia, ao nos impor um menu seletivo de informações como sendo “o que aconteceu”, impede que outros temas sejam conhecidos e, portanto, comentados. Ao decretar seu desconhecimento pela sociedade, condena-os à inexistência social. Nesse sentido, o menu da mídia, porque é o único temário comum de agentes sociais em comunicação, é o que apresenta maior incidência nas comunicações interpessoais. (FILHO, 1995, p.170)

Os manifestantes não têm uma assessoria de comunicação formal. “Nós somos sujeitos, então nós mesmos fazemos e divulgamos nossa luta”.¹⁰ O movimento utilizou panfletos para divulgação de suas reivindicações e esclarecimentos dos problemas causados pela barragem à população e ao meio ambiente. (Ver ANEXO IV)

Por outro lado, o Consórcio Estreito Energia conta com toda uma equipe de assessoria, composta por profissionais formados na área de Comunicação Social, tendo como empresa mediadora entre o Ceste e a mídia: a Clara Comunicação, sediada em São Luís capital do Maranhão.

10. SILVA, Gilvânia Ferreira da. **Gilvânia Ferreira da Silva**: entrevista. Entrevistadora: Thays Silva Assunção. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2008.



As ocupações sob a visão midiática

Conversando com alguns jornalistas presentes na última ocupação (março/2008) percebemos que a maioria defende o conceito de imparcialidade (mostrar os dois lados da ocupação). Mas o jornalista Marcos Franco, diretor de produção da TV Bandeirantes Imperatriz colocou a situação como um reflexo da luta de classes, de modo que a mídia costuma posicionar-se do lado do empregador, ou seja, a voz elitizada ganha mais destaque nos meios de comunicação. Notamos que a cobertura midiática nacional e estadual, em suas constantes relações com os atores sociais, tem deixado a desejar com a comunidade local (e nacional), provocando assim uma distorção na interpretação das ocupações.

Na pesquisa de campo pudemos visualizar como os veículos de comunicação locais regionais e nacionais atuaram. Na cidade de Estreito existem apenas rádios, entre elas: Cidade FM, Estreito FM e Renascer FM, sendo que algumas funcionam sem autorização do Ministério das Comunicações, atuando de maneira improvisada, mas eficiente.

Percebemos que os locutores procuram ao máximo informar a população sobre os acontecimentos da cidade, apesar de deterem pouco conhecimento teórico e técnico sobre o assunto. Mas isso não limita a capacidade de compreender a realidade local e os impactos ambientais e sociais do empreendimento hidrelétrico.

Observamos o comportamento do radialista da emissora “Estreito FM 106,3”, Erinaldo da Silva. Dentre suas indagações, destacam-se duas: “Qual a nossa reivindicação sobre a construção da barragem e a ocupação dos movimentos? Houve violência por parte do Ceste?”¹¹

Nota-se que o sujeito da pesquisa refere-se a uma causa que também é dele, mostrando-se solidário aos manifestantes, divulgando suas reivindicações e pontos de vista.

É por meio desses veículos de comunicação locais que o público pode informar-se da real situação da UHE Estreito, uma vez que, nos veículos regionais e nacionais analisados, em algumas edições, foram constatadas omissões de informações necessárias para compreender os motivos da última manifestação contra a instalação do empreendimento.

Vários telejornais nacionais e estaduais¹², devido à ocupação da entrada para o canteiro de obras da hidrelétrica, tiveram obrigatoriamente de mostrar os “dois lados da história”, colhendo depoimentos dos ocupantes e do Ceste. Responderam pelo menos a três indagações jornalísticas: “quê”, “como” e “por quê?”. Esta última seria de fato preponderante na situação.

11 ROCHA, Judite da. **Judite da Rocha**: entrevista. Entrevistador: Erinaldo da Silva. Estreito. Entrevista concedida a Rádio Estreito FM 106,3”, 2008.

12. Emissoras analisadas: TV Cultura - TO, TV Bandeirantes – Imperatriz/MA, TV Mirante – Imperatriz/MA, TV Globo de Brasília.



Na mídia local a maioria das matérias começa com a imagem do acampamento montado em frente ao principal acesso às obras da hidrelétrica, Jeremias Alves repórter da TV Mirante entrevista alguns líderes dos movimentos, pessoas das diversas áreas que serão atingidas e indígenas. Mostra o porquê das manifestações (as reivindicações). Informa ao telespectador que a construção da barragem faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento do governo federal, que o empreendimento vai inundar parte de doze municípios do Maranhão e Tocantins, entre elas áreas indígenas, sendo que a Ilha de São José será totalmente coberta pelas águas do lago. Esclarece dados como a capacidade da geração de energia, que é suficiente para abastecer quatro cidades como São Luís ou uma cidade com 4 milhões de habitantes. Utilizam também imagens da polícia fortemente armada e enfocam que até Força Nacional está no local para proteger a obra.¹³

Em uma das reportagens há uma informação mal esclarecida, é dito que os indígenas estão armados com arco e flecha, mas as imagens não confirmam isso, apenas se utiliza o discurso de um índio indignado com a situação.¹⁴

Na análise dos jornais televisivos nacionais, mais precisamente naquele em que há uma grande audiência (Jornal Nacional, da Rede Globo), observamos em uma de suas matérias cedidas pela TV Mirante Imperatriz, que o bloqueio da entrada principal do canteiro de obras iria deixar 1800 funcionários sem trabalhar e a obra estava praticamente paralisada. Em seguida é entrevistado um representante do Ceste que diz: “Não se pode prejudicar, da maneira como esta sendo prejudicada o andamento de uma obra com uma importância dessa, a maior obra pública, ta certo? De infra-estrutura do país, tratando de um bem essencial público, que é a energia elétrica, e nos ficarmos em uma situação como essa há três dias. Têm que acontecer alguma coisa!”¹⁵

Percebe-se que o repórter Fábio William deu voz a um representante do Ceste deixando claro sua opinião a favor da construção da barragem. Ele considerou apenas a geração de energia e não outros fatores como, empregos apenas temporários e o impacto sócio ambientais.

O Jornal Nacional da Rede Globo respondeu a quase todas as perguntas “quê?”, “quem?” “quando?”, “onde?”, “como?”, mas não fez a principal indagação: “por quê?”. O que talvez possa trazer dúvidas à sociedade sobre a natureza dos movimentos. A grande massa de telespectadores é flexível à ideologia dominante, que propaga geralmente a versão dos empreendedores, no caso, o Ceste. Observa-se também que sempre há um falseamento no

13. Imagens do arquivo da TV Mirante Imperatriz: Alves, Jeremias. Hidrelétrica Estreito. Imperatriz, mar. 2008. DVD

14. Id. Idem.

15. Id.: WILLIAN, Fábio. Hidrelétrica. Imperatriz, mar. 2008. DVD



âmbito da divulgação dos impactos sociais, culturais e ambientais trazidos com essa construção de grande porte.

Nessa análise da ocupação em Estreito, constatamos que muitos veículos de comunicação chegavam com a reportagem pronta e algumas pré-fabricadas.

A maioria dos jornais impressos faz seu trabalho baseado em *realeses* enviados pela assessoria da Ceste, demonstrando que eles têm como principal fonte o Consórcio de Energia.

“TRF autoriza retomada da obra da Hidrelétrica Estreito”.¹⁶

“A magistrada entendeu que ‘a decisão impugnada poderá acarretar prejuízo maior ao meio ambiente – caso o governo federal tenha de lançar mão de energia termoeletrica (sabidamente mais cara e mais poluente) devido a escassez de energia hidrelétrica -, além de impor prolongado retardamento na conclusão de obra de interesse nacional, caso não seja possível aproveitar o período de menor precipitação pluviométrica, ocasionando, igualmente, grave lesão à economia pública’”.¹⁷

Está claro a linha editorial do jornal. Ele defende a implantação da UHE Estreito por meio de citações da juíza que concedeu a liminar que autorizava o retorno da construção.

“Direção da UHE Estreito se reúne com lideranças indígenas da área”.¹⁸

Baseado neste título fica subtendido uma possível harmonia do Ceste com as lideranças indígenas das etnias Apinajé (TO), Krikati (MA), Kraô (TO) e Gavião (MA).

“Os estudos atestam que as reservas indígenas mencionadas estão situadas fora da área de influência da hidrelétrica. A aldeia mais próxima (Apinajé, que fica em solo tocantinense) está localizada a 40 km a jusante (rio abaixo) do eixo da barragem”.¹⁹

“Usina de Estreito inicia processo de indenização de famílias remanejadas”.²⁰

O título faz referência a uma atitude do Ceste, deixando claro que as ações desta empresa são sempre noticiadas de maneira positiva, reforçando sua imagem positiva diante da sociedade.

A voz dos manifestantes

Gilvânia Ferreira da Silva, militante há dezenove anos, coordenadora do MST no Maranhão, já passou por várias funções nesse movimento. Expressa a relação dos sem terra com a mídia e esclarece os motivos das ocupações da UHE Estreito.

16. JORNAL PEQUENO. TRF autoriza retomada da obra da Hidrelétrica Estreito. São Luís, jun., 2007.

17. Tribunal Regional Federal. 1º região, em Brasília: 2007.

18. O ESTADO DO MARANHÃO. Direção da UHE Estreito se reúne com lideranças indígenas da área. São Luís, abr., 2007.

19. Id. Idem

20. O PROGRESSO. Usina de Estreito inicia processo de indenização de famílias remanejadas. Imperatriz, mar., 2008. p.04.



“A hidrelétrica é uma estratégia do capital financeiro, estratégia de privatização das águas”²¹, enfatizou Gilvânia Silva. Ela nos relata que a empresa não quer amenizar os impactos ambientais que irão acontecer e já estão ocorrendo. Acrescenta ainda: “O consócio não dialoga com o movimento. Após a primeira ocupação, houve uma reunião com o poder público em Brasília, onde se tentou fragmentar a luta propondo negociar separadamente indígena e ribeirinho”²².

Para ela a mídia defende apenas os direitos da classe dominante, por achar que esse grupo garante o crescimento e o progresso. Cita ainda que durante a veiculação do noticiário, a chamada dos jornalistas com relação ao tema abordado é fundamental. “É preciso que mostrem as causas da manifestação”.²³

Militante do MST, Weliton da Silva Silva, dezoito anos, foi vítima de um tiro no pé no segundo dia de ocupação (12/03/2008). O tiro foi disparado por um funcionário do Ceste. Esta foi a narração do fato feita por ele: “O cara parou de carro, eu cheguei perto, elas começaram a sorrir e eu perguntei qual era a graça e ele respondeu atirando, depois saíram rápido”²⁴. Esse fato foi noticiado apenas pelos meios de comunicação regionais.

Francisco de Assis, 56 anos, proprietário de uma pequena fazenda há sete anos, localizada no município de Ribeiro, foi encaminhado pela CPT para o movimento, onde pretende permanecer até a morte. Segundo ele há dois meses foi procurado pelo Ceste com uma proposta de indenização, mas ele não aceitou, pois não gostou da proposta. Até hoje está esperando o retorno dos avaliadores de imóveis para novas propostas.²⁵

José Veríssimo, morador da Barra de São José, relata que tudo que os moradores construíram até agora será destruído com a construção da barragem. “É de lá que tiramos e plantamos para a nossa sobrevivência”²⁶. Disse também que há uma falta de comunicação por parte do Ceste. “Não temos o direito de valorizar o que é nosso”²⁷, esta foi a resposta com relação às indenizações.

Para José Veríssimo A. Fonseca: “Sentimo-nos desrespeitados porque não foi levado em conta um estudo minucioso da área para saber a quantidade de pessoas dessa região e como

21. SILVA, Gilvânia Ferreira da. **Gilvânia Ferreira da Silva**: entrevista. Entrevistadora: Elicléia Clarícia Dallo. Estreito. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2008.

22. Id. Idem.

23. Id. Idem.

24. SILVA, Weliton da Silva. **Weliton da Silva Silva**: entrevista. Entrevistadora: Larissa Pereira Santos. Estreito. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2008.

25. ASSIS, Francisco de. **Francisco de Assis**: entrevista. Entrevistadora: Nayane Cristina Rodrigues de Brito. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2008.

26. FONSECA, José. **José Veríssimo A. Fonseca**: entrevista. Entrevistadora: Thamires Moraes Brito Silva. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2008.

27. Id. Idem.



vivem, como trabalham e o que produzem, pois as terras são ricas, produtivas na área da agricultura e pecuária”²⁸. Segundo José Fonseca, não foi levado em conta a produtividade das terras, considerando ainda que 90% dos atingidos não querem sair de suas terras.

“Ali é onde fomos criados e criamos, as nossas raízes estão ali. Já somos velhos demais e não temos como arrumar outro meio de sobrevivência. Somos totalmente contra a barragem”²⁹.

Essas são as formas como alguns manifestantes estão expressando seus sentimentos e o quanto irão sofrer com a construção da UHE Estreito, mas essas vozes tiveram um espaço delimitado nas coberturas jornalísticas nacionais, enquanto na cobertura local foram mais contempladas.

Baseado em Horkheimer³⁰ entendemos que, a promessa de progresso para a região está sendo acompanhada por um processo que ameaça destruir precisamente o objetivo que deveria realizar: a idéia de homem.

A idéia de homem citada por Horkheimer faz referência a um homem que crítica, duvida e analisa as informações veiculadas na sociedade, ou seja, um homem criador de sua própria “agenda”.

A versão do Ceste

Estimada em três bilhões de reais, a Usina Hidrelétrica de Estreito é uma das maiores obras em andamento no país e integra o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal. Também segundo o Ceste, todas as famílias serão ressarcidas, haverá instalação de cursos para a sociedade estreitense e projetos de revitalização no município. Para o ressarcimento das pessoas atingidas tem-se o Plano de Remanejamento das Populações, e para os moradores locais (Tocantins e Maranhão) o Ceste tem oferecido cursos como o de armador de ferragem, carpinteiro, pedreiro, instalador de água e esgoto, eletricista, pintor, soldador e informática. Para a revitalização do município, o consórcio pretende construir o prédio onde será implantado o Batalhão de Polícia Militar de Estreito.

O Ibama concedeu, no dia 14 de dezembro, a Licença de Instalação da Usina Hidrelétrica Estreito. A energia produzida será distribuída em todo o país, para consumidores industriais e residenciais.

O Ceste está buscando junto aos governos estaduais e federal que os municípios envolvidos com o projeto tenham prioridade na aplicação de verbas federais destinadas a programas de eletrificação rural, saneamento,

28. FONSECA, José. **José Veríssimo A. Fonseca**: entrevista. Entrevistadora: Thamires Moraes Brito Silva. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2008.

29. Id. Idem.

30. HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.



educação, saúde, segurança, construção de casas populares, dentre outros programas sociais, que garantirão mais desenvolvimento para a região. A construção da hidrelétrica também trará influências positivas para a economia dos municípios envolvidos e já mobilizam empresários da região, setor imobiliário e prestadores de serviços. Neste cenário, a criação de novos postos de trabalho na região, com estimativa de quatro mil empregos indiretos (temporários ou terceirizados) ainda no primeiro ano de obras, é outro sinal positivo do projeto.³¹

Um exemplo das transformações na cidade é da empresária Analdivani Brito Noletto, cidadã estreitense, diretora e proprietária do Centro Educacional Gênese, de ensino fundamental, fundado há cinco anos, localizado no município de Estreito-MA. Dez por cento dos alunos dessa instituição de ensino são filhos de imigrantes, em sua maioria pernambucanos. O empreendimento familiar foi elaborado diante do olhar empresarial com as expectativas da instalação da barragem.

Diante desse grande investimento os impactos de maneira geral são inevitáveis. No entanto, o Ceste justifica da seguinte maneira:

Para a hidrelétrica Estreito, não se trata apenas de remanejar as famílias. É importante também preservar a história, a cultura e os laços familiares e sociais dos homens, mulheres e crianças que vivem nas áreas alcançadas pela barragem.

Para isso, as equipes se empenham em buscar terras de qualidade e assessoria técnica apropriada, de forma a oferecer condições sustentáveis para o desenvolvimento e a sobrevivência dessas comunidades. Pensando nisso, as equipes já estão fazendo os levantamentos de terras boas para o reassentamento da população.³²

As indenizações dos moradores serão baseadas na análise do valor de mercado da propriedade, considerando as regras da associação brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que estabelece os padrões de avaliação de propriedades.³³

Essas informações foram obtidas nos boletins e sites do Ceste (Ver ANEXO III), pois a assessoria do consórcio (Clara Comunicação) não respondeu ao questionário enviado pelo nosso grupo de pesquisa desde o início do mês de abril. Até o fechamento do texto as respostas não chegaram.

31. Consórcio Estreito Energia. **Editorial**. Boletim informativo. Estreito, nov./dez. 2006. p. 02

32. Usina Hidrelétrica Estreito. **Remanejamento de famílias como nunca feito antes**. Estreito, nov. 2007. p. 04

33. Consórcio Estreito Energia. **Benefícios para a população**. Boletim informativo. Estreito, nov./dez. 2006. p. 02



Considerações finais

O “progresso” só chegou para a minoria elitizada. Grande parte da população acaba marginalizada. Mas nem o sol, a chuva, as ameaças e a agressão do funcionário do Ceste não foram capazes de conter as pessoas que estavam acampadas.

Podemos observar que a veiculação das exigências dos movimentos sociais é selecionada pelos meios de comunicação na medida em que os mesmos realizam algum tipo de protesto. Em contrapartida, tudo que diz respeito ao desenvolvimento que a construção da UHE Estreito irá proporcionar à sociedade é frequentemente divulgado pelos meios de comunicação. Todos os impactos causados por esse empreendimento não são do conhecimento geral da população.

Observa-se também que sempre há um falseamento no âmbito da divulgação dos impactos sociais, culturais e ambientais trazidos com essa construção de grande porte.

Fizemos uso do conceito de *Agenda setting* visando notar a grande tendência tida pelas pessoas para incluir em seus próprios conhecimentos aquilo que os meios de comunicação incluem ou excluem do seu próprio conteúdo.

Dessa forma, a agenda do público é baseada na agenda midiática, que nem sempre corresponde aos interesses do público. Nesse caso, observamos que a cobertura jornalística desequilibrada, enfatizando os interesses do Ceste, prejudicou a compreensão do público sobre os reais impactos causados pela instalação da hidrelétrica.

Cabe sugerir que a mídia cumpra com o seu papel de informar a população de todo e qualquer acontecimento, deixando explícito “quê”, “como” e “por quê?” do fato ocorrido, e assim permitir que o público tire suas próprias conclusões.

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação**: da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 1995.

FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. (orgs.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KELHC, Maria Rita; BUCCT, Eugenio. **Videologias**: ensaios sobre a televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

KUNCZIH, Michael. **Conceitos de jornalismo**: Norte e Sul: manual de comunicação. Tradução de Rafael Varela Júnior. São Paulo: Edusp, 1997.



PENA, Filipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. (volume I). Florianópolis: Insular, 2004.

Internet:

Páginas eletrônicas do ceste.

<http://www.uhe-estreiro.com.br/dadostecnicos.php>. Acesso em 28 d abr. de 2008

<http://www.uhe-estreiro.com.br/releases.php>. Acesso em 29 d abr. de 2008

<http://www.uhe-estreiro.com.br/comunicacaosocial.php>. Acesso em 29 d abr. de 2008.

ANEXOS

ANEXO I - Reportagem da TV Mirante sobre a manifestação



ANEXO II - Filial do Ceste em Estreito - MA





ANEXO III - Boletim Informativo

BOLETIM INFORMATIVO - ANO III - NOVEMBRO 2007



Usina Hidrelétrica **ESTREITO** NOTÍCIAS



Plano de Remanejamento da População chega às comunidades

Pags. 4 e 5



- **AMBIENTAL**
NEA promove exposição de animais em Aguiarnópolis
Página 3
- **CAPACITAÇÃO**
Pescadores e barqueiros credenciados pela Marinha
Página 6
- **TREINAMENTO**
UHE Estreito prioriza segurança no trabalho
Página 7



ANEXO IV - Carta ao povo atingido pela barragem de Estreito

CARTA AO POVO ATINGIDO PELA BARRAGEM DE ESTREITO

CESTE: PRODUZINDO ENERGIA E DESTRUINDO A VIDA!

A Usina Hidrelétrica de Estreito está sendo construída no Rio Tocantins, localizada na divisa entre os Estados do Maranhão e Tocantins. A obra está sendo construída pelas multinacionais: Tractebel, Vale do Rio Doce, Camargo Correa e Alcoa Alumínio.

Você Sabia que essas empresas donas da barragem de Estreito vêm destruindo vários rios e expulsando milhares de Ribeirinhos, Pescadores, Camponeses, Trabalhadores Agregados, Barqueiros e Barraqueiros ao longo de todo o Rio Tocantins e outros rios do Brasil.

Fique Sabendo que as multinacionais que compõem o CESTE estão expulsando milhares de famílias ribeirinhas dos municípios de Arguiarnópolis, Estreito, Carolina, Palmeiras, Babaçulândia, Filadélfia, Darcinópolis, Barra do Ouro e Palmeirantes seguem um modelo de desenvolvimento baseado na exploração dos recursos naturais e expulsão de famílias para a geração de riquezas para poucos.

No Estado do Tocantins foram construídas duas grandes barragens que geram em torno de 1.450 MW/hs, essa energia é exportada deixando a maioria da população sem acesso a energia elétrica.

Fique atento atingidos/as a CESTE não respeita a população atingida, ela não valoriza a vida e os bens materiais de vocês, pois vem oferecendo migalhas/ valores insignificantes pelas terras e casas para as famílias saírem de suas terras. Compare o quadro abaixo:

Tabela: Negociações realizadas nas Barragens já construídas e proposta do CESTE a famílias sem terra (meeiros, ocupantes, arrendatários entre outros).

Barragem	Ano	Empresas Responsáveis	Proposta de reassentamento
Peixe Angical	2002	Enerpeixe (EDP e Furnas)	27,3 há de terra ou carta de crédito de 53 mil R\$ para Sem Terras.
São Salvador	2006	CESS e Tractebel	27,3 há de terra ou carta de crédito de 70 mil R\$ p/ Sem Terras.
Estreito	2007	CESTE (Tractebel, CVRD, Camargo Correa e Alcoa Alumínio).	12 há terra ou carta de crédito de 35 mil R\$ p/ Sem Terras.

Exemplo das negociações realizadas no Foro de negociação com acompanhamento do MPF, MPE, IBAMA, Empresa e famílias atingidas.

ANEXO IV- Carta ao povo atingido pela barragem de Estreito

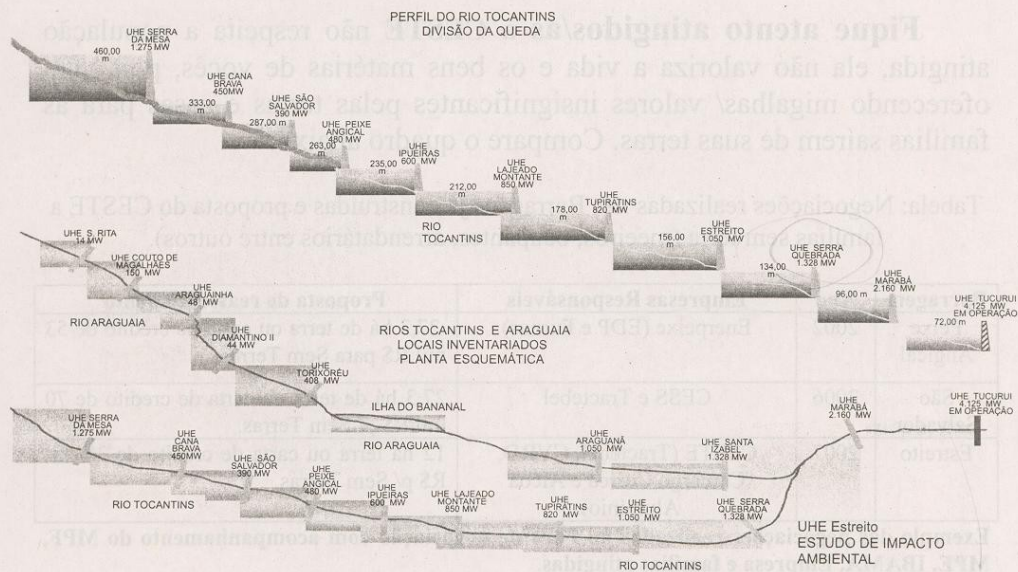
O CESTE não tem considerado as famílias que tem outras atividades de geração de renda como: os extrativistas, os pescadores, os barqueiros, os barraqueiros, as mulheres que lavam roupa nos cais das cidades ribeirinhas.

Os povos Indígenas: Krahô, Krikati, Apinagé e Gavião que terão suas culturas, suas terras, sua sobrevivência ameaçadas pela construção dessa barragem, realizado estudo iniciou-se uma discussão de desenvolver varias atividades com os povos e ainda nada foi resolvido e os mesmos estão até hoje sendo enrolados pelo governo e empresa.

O QUE QUEREMOS?

- A criação de Foro de Negociação coordenado pelo IBAMA, com a participação do MPF, MPE, CESTE e Famílias atingidas;
- A garantia dos direitos já conquistados pelas famílias atingidas na UHE de Peixe e São Salvador;
- Reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, garantindo a soberania territorial e a subsistência alimentar, cultural e étnica;
- O reconhecimento dos direitos dos Pescadores, Barraqueiros e Lavadeiras de roupas nos CAIS das cidades atingidas;
- Atenção especial do poder público com a saúde das populações: atingidas e do entorno da obra.

Projetos previstos, em construção e já construídos nos Tocantins e Araguaia. A transformação dos Rios em grandes lagos.



This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.